

17-06-2021

FIGURAS

Ascensor

A SUBIR

Paulo Mota Pinto – Coube-lhe, por convite, a tarefa de apresentar e fazer o elogio dos dois condecorados com que a Câmara Municipal de Montalegre comemorou o Dia do Município, no passado dia 9, distinguindo com a medalha de honra dois homens que considera filhos ilustres, ambos passados pelos bancos da Universidade de Coimbra: João Calvão da Silva e Júlio Pereira, o primeiro Professor catedrático da Universidade, o segundo jubilado como Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça e titular de vários cargos importantes na Administração portuguesa, incluindo Macau onde trabalhou alguns anos. Desta distinção deu o “Campeão” notícia na semana passada e Paulo Mota Pinto participou na cerimónia, justificando a distinção com o mérito dos homenageados com os quais teve oportunidade de trabalhar em momentos diferentes da vida, nomeadamente com o já falecido João Calvão da Silva, de quem chegou a ser aluno e mais tarde colega no corpo docente da Universidade. O brilho com que Mota Pinto venceu o perfil profissional e humano de ambos, com particular emoção de Calvão da Silva com quem conviveu no espaço universitário – e que daquelas terras barrosãs, onde em criança fora guardador de ovelhas, partiria bem cedo em busca de um futuro que acolhesse a sua ambição de homem humilde, honrado e trabalhador – esse brilho com que Paulo Mota Pinto recordou Calvão na presença da sua família foi o momento alto do Dia do Município de Montalegre, lá longe onde Portugal começa e donde vários barrosões vieram ajudar a construir Portugal ao longo dos séculos. Soube muito bem Mota Pinto enfatizar nesta homenagem o abraço amigo e franco com que a Universidade de Coimbra se espalha por esse país além, mundo fora, testemunhando, às portas das origens de muitos, a honra de ter sido casa fagueira de tanta gente superiormente dotada que, sem esta ou outra universidade, guardadores de ovelhas podiam ter sido toda a vida.

João Azevedo – É o candidato do Partido Socialista à Câmara de Viseu, depois de ter sido presidente em Mangualde aqui há uns e posteriormente deputado na Assembleia da República. Fogoso, mexido e destemido, amigo muito próximo e discípulo que foi do recentemente falecido Jorge Coelho, João Azevedo está a levar muito a sério esta sua candidatura a Viseu, onde já arranhou casa e por onde se mantém em intensa pré-campanha eleitoral, sem perder a noção que terá como adversário directo um homem de peso, no prestígio e no passado, como Fernando Ruas, já anteriormente presidente, depois eurodeputado e nesta altura deputado na Assembleia da República. Se aqui evocamos João Azevedo é porque ele está a trazer de novo à ribalta e à discussão pública o processo de transformação do IP3 em autoestrada entre Viseu e Coimbra. Trata-se de um processo que tem várias dezenas de anos, várias vezes prometido e assumido por Governos de diferentes cores políticas, até de uma obra virtual que, nunca tendo começado, já foi oficialmente inaugurada, até mais do que uma vez, perante responsáveis do Estado. Inauguração que bem pode ser recuperada para assinalar a falta de vergonha, de seriedade e de sentido de país de que muitos governantes, actuais e passados, têm dado sobejas provas a propósito deste investimento. A tão prometida e indispensável autoestrada foi recentemente renegociada com o Governo a troco das obras de reparação em curso do traçado actual, que não passaram nem passavam de um logro que nem cuidado tiveram em disfarçar. João Azevedo traz de novo este assunto para a sua campanha em Viseu. Poderá ser paleio de ocasião, poderá ser mais um que se segue a muitas dezenas que com promessas idênticas comeram as papas na cabeça do zé povinho. Se assim for, que o seja. Será mais um apenas. Mas para o “Campeão”, que desta obra fez há muitos anos uma das suas causas, é ocasião que não perdemos para trazer de novo à luz do dia a falta de ética e de sentido de Estado com que muita gente faz política em Portugal. Ficará bem a Coimbra se acompanhar João Azevedo nesta sua intenção, tenha ela o destino que tiver desde que autêntica seja.

Emília Martins – A Orquestra Clássica do Centro (OCC) prepara-se para assinalar os 20 anos que leva de existência, uma existência difícil, preocupada e às vezes com o coração nas mãos. E tem-no feito sem recorrer ao mais tentador: ceder na qualidade artística, em obediência ao tão português princípio de que quem não tem cão caça com gato. Emília Martins, alma mater deste importante equipamento artístico da região que, porque servido de muito bons profissionais, bem cedo se justificou e com estoicismo resiste ao gosto que alguns teriam de o ver definir, mantendo-se vivo, activo, dinâmico e sobretudo muito prestigiado e apreciado. Em projectos artísticos de qualidade, 20 anos começam a ser uma bonita idade e o Concerto que irá realizar no próximo dia 20 no nos claustros do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, com algumas estreias musicais, bem poderá ser entendido também como o hino ao trabalho, à dedicação e ao carinho com que Emília Martins tem sabido defender e solidificar um projecto bonito e arrojado de que todos nos podemos orgulhar.

FIGURA DA SEMANA

Carlos Cidade

Coimbra parece, finalmente, começar a entender-se com o rio Mondego e suas margens na zona urbana da cidade. A intensíssima actividade desportiva, nas mais diversas modalidades amadoras que decorreram no fim de semana passado no rio, nas suas margens e que ocuparam literalmente o Choupalinho com centenas e centenas de atletas, mostraram à sociedade o quanto Coimbra tem desaproveitado algumas das suas potencialidades, nomeadamente aquelas que o Mondego permite e reclama e pelas quais espera há muitos e muitos anos. O público correspondeu e ouviram-se amiúde elogios a este Multisport Coimbra que às margens do rio trouxe centenas de pessoas de vários pontos do país, muitas para competir nas dezenas de provas possíveis, outras para acompanhar atletas da sua região. Foi francamente bonito, muito movimentado, (milhares de pessoas, entre atletas, acompanhantes e público a assistir), mexeu com a cidade a que deu mais vida e mostrou o quanto é possível fazer e o quanto poderemos esperar do aproveitamento do Mondego e das suas margens na Coimbra do futuro, pela qual há tanto se espera, e que agora dá sinais de vir a caminho. Isto acontece no tempo em que Carlos Cidade é o vereador responsável pelo desporto, acontece no seu tempo e muito também por acção sua, ele que, pela parte que lhe toca, muito se tem empenhado nesse e noutros domínios. Nota-se, nesta como noutras cidades, quando os responsáveis as amam e nelas trabalham com amor e entusiasmo ou quando nelas estão no cumprimento mínimo das funções que lhes competem, arrastando-se mandato atrás de mandato (em Coimbra também há disso). Os resultados começam a ver-se e cresce na cidade a ansiedade por essa Coimbra de braço dado com o Mondego, dádiva da natureza que não tem sabido aproveitar em toda a dimensão possível.



Faleceu o Teixeira da Fapricela

Faleceu no domingo passado o empresário António Madeira Teixeira, líder do Grupo Fapricela que suporta a gestão de várias unidades industriais, a principal das quais labora há muitos anos na Granja de Ançã, já concelho de Cantanhede mas às portas de Coimbra. No norte do país detinha uma unidade semelhante e em Quaios em conceituado empreendimento turístico. Natural e residente na Granja, António Teixeira não nasceu rico mas cedo evidenciou excepcionais qualidades de trabalho que o guindaram à primeira linha dos grandes empresários da região, estendendo também a sua acção à construção civil através da Torricento, empresa que dirigiu muitos anos com António Abrantes, seu sócio bastante tempo e com o qual viria a adquirir o Jornal “As Beiras” que passaram pouco tempo depois a diário. António Teixeira morreu no seguimento do estado de doença que o debilitou nos últimos tempos. Era um homem simples, muito trabalhador e dedicado aos seus projectos e ao pessoal que com ele trabalhava.



Avesso a notoriedades balofas de ocasião, manteve toda a vida a simplicidade natural que o caracterizava, preferindo sempre o ambiente dos seus locais de trabalho às luzes dos fulgores de ocasião que os mais curtos de vista normalmente privilegiam.

Os seus filhos – Pedro Teixeira e Rosinda Teixeira – e esposa – Vitória da Silva Teixeira – darão agora continuidade ao Grupo em que já estavam integrados há anos.

O “Campeão” cumprimenta a família neste momento difícil e recordará para sempre António Teixeira como um empresário muito dedicado e ousado, como um homem de bem e como o pai de família exemplar que sempre foi.

Luís Reis Torgal – O historiador vai ter o seu livro “Essa Palavra Liberdade” publicado na Temas e Debates, no âmbito das comemorações do Bicentário da Revolução de 1820. É professor Catedrático, lente de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC). Já venceu o Prémio Joaquim de Carvalho, em 2010, pela Imprensa da UC e o Prémio de História Contemporânea, Academia Portuguesa da História – Fundação Eng. António de Almeida, em 2005.

Miguel Mano – O investigador do Centro de Neurociências e Biologia Celular e docente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra é autor de um estudo internacional que revelou um novo mecanismo de infecção específico da Salmonella, que pode ser importante para o desenvolvimento de novas abordagens terapêuticas para travar infecções causadas por esta bactéria. A investigação contou com a colaboração das Universidades de Würzburg (Alemanha) e de Córdoba (Espanha) e dos Institutos de Ciências Matemáticas e de Homi Bhabha (Índia).

Catarina Amado – A futebolista da Lousã sagrou-se recentemente campeã nacional de futebol ao serviço do Sport Lisboa e Benfica tendo por essa razão um voto de reconhecimento aprovado pelo o Executivo Municipal, que destaca o trabalho e a conquista da atleta.

Maria Cristina Baltazar Chau – É docente do Agrupamento de Escolas da Lousã e está entre os 10 finalistas do Global Teacher Prize Portugal 2021. A professora de Educação Visual foi escolhida pelos alunos e encarregados de educação com o apoio da Escola. A candidatura da professora tem como fundamento o trabalho que ao longo dos anos tem desenvolvido, dinamizando e envolvendo os alunos, escola e comunidade num vasto conjunto de projectos transversais, sendo o mais recente o projeto “Arte em Sintonia”.

Vasco Vilaça – O português, vice-campeão mundial, venceu a prova da Taça de Europa de triatlo disputada no Parque da Canção, em Coimbra. O atleta concluiu a competição com o tempo de 50.44 minutos, com seis segundos de vantagem sobre Ricardo Batista (50.50), que foi segundo classificado.

Daniela Valério e Jorge Almeida – Investigadores da Universidade de Coimbra (UC) lideraram um estudo com pacientes portugueses que sofrem de apraxia ideomotora, uma condição neurológica que os impede de usar objectos do dia-a-dia. A investigação, que já publicada na Revista científica Cortex, foi realizada com dois doentes, um homem e uma mulher, que demonstraram diferentes dificuldades sobre a manipulação de objectos, o que, segundo a UC, até ao momento não tinha sido reportado pela comunidade científica.

A DESCER

Fernando Medina – Quando há muitos anos António Guterres poitou a mochila e mandou a política portuguesa às urtigas, depois de um resultado autárquico desastroso para o PS, foi o primeiro – e até agora único – grande responsável do país e levantar a ponta do véu do “pântano” em que mergulhou a política portuguesa há dezenas de anos e a partir de certa altura. Guterres, agora a iniciar o segundo mandato no alto cargo que ocupa na ONU, é reconhecidamente um homem com limitada capacidade no domínio da governação, mas detentor de rara sagacidade política, de invulgar inteligência, de honestidade sem mácula. Reconhecem isso amigos e não amigos, companheiros e não companheiros, conhecidos e não conhecidos. Foi num raro gesto de astúcia, revolta e coragem que denunciou o pântano em que estávamos a mergulhar e que os anos subsequentes bem confirmaram. Nesse pântano que se tem vindo a alargar, mergulham estes gestos de denunciar à Rússia os manifestantes discordantes do regime, obrigados a sair do país para terem uma vida feliz num

país distante que respeita (deveria respeitar) as liberdades e em que confiarão mas que, instituições várias como a Câmara de Lisboa e figuras diversas, como Fernando Medina, mancham a dignidade humana, o lado nobre da política, o encanto de um país que, sendo pobre embora, deveria competir com os melhores na defesa da sua integridade ética como Nação, não se limitando a ser um Estado de mão estendida que gasta o que tem e não tem e o gasta mais em manobras de porreirismo assumido em proveito de alguns, em vez de o investir no desenvolvimento harmónico do país que somos. Neste domínio estejamos descansados: o pântano que Guterres denunciou continua a encher, venha ele do nosso afastamento progressivo da Europa de que havíamos prometido aproximar-nos, venha das opções do Plano de Recuperação e Resiliência que favorece partes do país em prejuízo de outras, venha da sem-vergonha como assistimos a países até há pouco menos desenvolvidos a ultrapassarem-nos agora pela esquerda e pela direita, perante a indiferença dos Governos de Portugal.